

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Trad. por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 291p.

Apesar do título, o livro de Moscovici não se situa no campo da Psicanálise. Esta ciência foi utilizada pelo autor apenas como objeto de uma investigação na área da Psicologia Social e da Sociologia do Conhecimento, visando a compreender o fenômeno das *representações sociais*.

Esta é a tradução da segunda edição do livro *La psychanalyse: son image et son public*. Segundo informação do autor, no prefácio, na primeira edição tratava-se de uma tese, enquanto esta segunda constitui um livro que visa a um público mais amplo. Limitando-se à primeira parte da tese, ele reformula seu trabalho acadêmico, modificando o estilo e eliminando indicações técnicas.

Na introdução e nos dez capítulos que constituem o livro, Moscovici discorre sobre a pesquisa — realizada em Paris — entrelaçando suas reflexões sobre o fenômeno das representações sociais com os dados obtidos e considerações metodológicas e epistemológicas relevantes para a Psicologia Social e para as Ciências Sociais, de modo geral. O autor se concentra na compreensão das representações, enquanto *produto e processo social*, interessado nas condutas imaginárias e simbólicas na existência ordinária das coletividades.

Nas Observações Preliminares, Moscovici apresenta sua tese de que, pelo menos no caso específico da Psicanálise, o fenômeno da

absorção da ciência pelo senso comum, através da comunicação e da linguagem, não é, como se crê, uma vulgarização das partes de uma disciplina, mas sim a formação de um outro tipo de conhecimento, adaptado a outras necessidades e obedecendo a outros critérios, num determinado contexto. Assim, ele teoriza uma inversão no processo de formação do senso comum, quebrando a "linearidade evolutiva" da construção social do conhecimento, anteriormente verificada, mostrando que, hoje, o senso comum situa-se num nível de aprendizagem *posterior* ao da formalização científica. Esta inversão ocorre na medida em que a socialização do conhecimento implica a reelaboração das representações de um grupo social específico e restrito — o dos que produzem a ciência — por grupos sociais diversos, em âmbitos sociais mais amplos.

O autor descreve, também, a metodologia utilizada na pesquisa empírica, enfatizando que tanto as representações sociais como as ideologias não costumam constituir-se em objetos de abordagens empíricas, o que implica a inexistência de metodologia específica para o domínio de pesquisa que ele se propõe inaugurar. Ele se apóia nas técnicas de pesquisa de opinião e de análise de conteúdo, considerando ambas como "técnicas de observação"; trabalha com amostras representativas do conjunto da população parisiense; faz um relato minucioso da metodologia utilizada na análise dos dados; e levanta problemas metodológicos observados no decorrer da investigação.

Nos dez capítulos do livro, Moscovici mostra como se processa, socialmente, a passagem do conhecimento cientificamente produzido à representação deste no senso comum, sendo que as principais reflexões são concentradas no primeiro e no último capítulo.

No capítulo 1, o autor busca circunscrever com mais rigor a noção de "representação coletiva" — proposta por Durkheim, para diferenciar o pensamento social do pensamento individual —, considerando a representação social como uma modalidade de conhecimento particular que tem por função, entre outras, a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos. Acrescenta que, como a representação possui essa função constitutiva da realidade, uma representação social é, alternativamente, o sinal e a reprodução de um objeto socialmente valorizado. Assim, o ato de representar implica edificar uma doutrina que facilita a tarefa de decifrar, predizer ou antecipar os atos de um indivíduo ou de um grupo específico, o que faz do ato de representar um ato fundamentalmente político.

Moscovici compara sua noção de representação social com as dos estudos da Antropologia, da Sociologia e da Psicologia e analisa os processos indiretos de construção do conhecimento. Discordando da concepção clássica dos fenômenos de representação, ele considera a representação como um processo que torna intercambiáveis a percepção e o conceito, uma vez que estes se engendram e se afetam reciprocamente. Para o autor, a representação se configura da tensão entre o imaginário e o simbólico, a presença e a ausência do objeto, num espaço compartilhado pela resistência e pela propulsão.

Ainda no primeiro capítulo, ele estuda a relação entre os termos da expressão *representação social* e propõe uma análise em dois níveis — superficial (do produto) e aprofundado (do processo). No primeiro, a análise se daria em três dimensões — atitude, informação e campo de representação ou imagem. No segundo nível, a análise se daria sob a hipótese segundo a qual a representação

é produzida coletivamente, buscando compreender as razões dessa produção, e distinguindo-a do nível da ciência e da ideologia.

Os capítulos 2 a 9 focalizam especificamente a pesquisa sobre a Psicanálise, contendo uma profusão de dados e mostrando o rigor das análises quantitativas e qualitativas que fundamentam a reflexão final. Nesses capítulos, encontram-se trechos de cuidadosas conceituações relacionadas à linguagem, à comunicação, à teoria, às relações sociais, à religião e à política. Destacam-se aí as descrições dos processos básicos, por ele identificados, na construção de uma representação: o de "objetivação" — que designa a passagem de conceitos/idéias para esquemas/imagens concretas — e o de "amarração" (ancoragem) — responsável pela constituição de uma rede de significações em torno do objeto social e pela orientação de suas conexões com o meio social.

O capítulo 10 sintetiza o processo cognitivo de representação social, concluindo que esta é apenas um dos modos de conhecimento da "polifasia" que Moscovici acredita existir, hoje, na cognição humana. Através de uma análise fenomenológica, o autor procura estabelecer as dimensões da realidade social que está associada à produção de uma representação social e trata, também, de caracterizar o estilo do pensamento natural, através da explicação de suas diferenças frente ao pensamento formal. Partindo da hipótese de uma *polifasia cognitiva*, faz uma síntese dos resultados obtidos na sua investigação sobre as representações sociais, constatando que o exame teórico o levou a distinguir dois de seus aspectos essenciais: a descrição dos processos de sua formação e o estudo do sistema cognitivo que lhe é próprio.

Moscovici mostra que a representação social pode ser vista como uma *situação social* e como um *sistema puramente cognitivo*,

buscando uma correspondência entre as duas leituras. Enquanto situação social, ela se define por dispersão de informações, pressão para a inferência e focalização de grupos e indivíduos, em relação a um centro de interesse. Enquanto sistema cognitivo, ela tem como atributos o formalismo espontâneo, o dualismo causal, a preeminência da conclusão e a pluralidade dos tipos de raciocínio. Por isto, o autor defende a existência de uma pluralidade de sistemas cognitivos, determinados pela coexistência dinâmica de modalidades distintas de conhecimentos, correspondentes a relações definidas do homem e do seu meio. Assim, ele reafirma o *fenômeno da polifasia cognitiva* e recomenda que cabe à Psicologia Social debruçar-se sobre o estudo desse tema.

O livro mostra que Moscovici é um dos primeiros estudiosos a se utilizar de técnicas que ultrapassam a clássica análise de conteúdo, transformando-a na direção do que veio a constituir a

técnica da *análise do discurso*, desenvolvida por Pêcheux. O autor não se interessou pela busca da coerência nos discursos analisados, pois considera que a lógica estabelece as leis do pensamento, sejam as do pensamento natural/social, sejam as do pensamento científico. Desse modo, Moscovici renuncia às dicotomias derivadas do contraste lógica/não-lógica.

Enfim, este livro apresenta-se como uma importante obra para a fundamentação teórica e metodológica de pesquisadores voltados para a compreensão das representações sociais e, conseqüentemente, para suas implicações no campo do Imaginário Social.

Helena Moussatché
Dea Lúcia Campos Pernambuco
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)